

**A “VIDA DE SANTA PELÁGIA”  
COMENTÁRIOS MORFOSSINTÁTICOS (II)**

*Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)*

**Possessivos**

Ao contrário do que se verificou com os pronomes pessoais, os possessivos em português provieram unicamente das formas do acusativo do latim:

**latim português**

meum	meu	nostrum	nosso
meos	meus	nostros	nostros
mean	minha	nostram	nossa
means	minhas	nostras	nossas
tuum	teu	vestrum	vosso
tuos	teus	vestros	vossos
tuam	tua	vestram	vossa
tuas	tuas	vestras	vossas
suum	seu	suum	se (dele)
suos	seus	suos	seus (deles)
suam	sua	suam	sua (dela)
suas	suas	suas	suas (delas)

Os vários registros (ou reformas) com que os pronomes pessoais aparecem em textos do português arcaico demonstraremos em o decorrer da apresentação deste tópico.

Ao fazermos os comentários, seguiremos o mesmo critério adotado com o item anterior, isto é, os vocábulos serão selecionados tal qual se encontram no texto.

*Nossos*

fol. 74v. 2. “E por onde ouvide hũ/u millagre que foy fecto em *nosos/dias*”

1ª p. masculino pl. de vários possuidores. Apresenta as seguintes formas análogas: *noſſos, noſof, nosos, noſſof*.

*Vossas*

fol. 74v. 2. “(...) creades e ajades ajuda e consolaçõ/a *vossas* almas”

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

2ª p. feminino pl. de vários possuidores. Formas análogas: *uoſas*, *voſſas*, *uoſſaſ*, *uoſſas*, *uoſſaſ*.

*Seus*

fol. 75v. 7. “(...) tornaron suas faces e *seus* rostros atrás”

3ª p. masculino sing. de vários possuidores. Formas análogas: *ſeus*, *ſeuſ*, *ſſeus*, *ſſeuſ*, *ſouſ*, *seos*.

*Ssua*

fol. 76r. 9. “(...) e na presença / de Deos e ante a *ssua* cathedra, ha-de julgar-nos”

3ª p. feminino sing. de um só possuidor. Computam-se as seguintes formas análogas: *ſa*, *ſha*, *ſſa*, *ſua*, *sua*, *ſſua*.

*Nosas*

fol. 76r. 10. “(...) çugidades e maldades que son exertadas den/tro em *nosas* almas”

3ª p. feminino pl. de vários possuidores. Apresenta as seguintes formas análogas: *noſſas*, *noſas*, *noſſaſ*, *noſaſ*, *nosſas*.

*Tua*

fol. 78r. 22. “(...) mais recibe ã *tua* guarda que muy / to cobíço seer salva.”

2ª p. feminino sing. de um só possuidor.

*Teu*

fol. 78v. 24. “(...) segui os pre / ceitos e mandamentos de *teu* senhor e doutor Cristo,”

2ª p. masculino sing. de um só possuidor.

*Meus*

fol. 79r. 26. “(...) e os *meus* pecados e maldades / a ty seer(a)m tornados se me nom baptizares.”

1ª p. masculino pl. de um só possuidor. Também se conhece as formas *meuſ*, *meos*.

*Minha*

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

fol. 79r. **25.** “(...) que nom tardes nê neg / ues saude aa *minha* alma,”

1ª p. feminino sing. de um só possuidor. Outras formas conhecidas: ma, mha, mia, mja, mja, mya, mãa, mãa, mina, miãa, mjna, myna, mãna, myãa, mjiãa, miãa, mynha.

Teos

fol. 79v. **30.** “(...) Or / a confessa todos os *teos* pecados.”

2ª p. masculino pl. de um só possuidor. Também se registra a forma *teus*.

Tuas

fol. 80r. 34. “(...) nã poderey sop / ortar as tuas obras, feytos e artes.”

2ª p. feminino pl. de um só possuidor.

Com relação às formas da 3ª pessoa, passemos outra vez às explicações de Clarinda de Azevedo Maia:

No que diz respeito às formas de terceira pessoa, a noção de possessividade pode exprimir-se por outros processos, além dos pronomes indicados: os pronomes *leu*, *lua* podiam referir-se diferentes pessoas (*dele*, *dela*, *deles*, *delas*). Essa ambigüidade dos pronomes da terceira pessoa cuja formas eram iguais quando referidos a um ou a vários possuidores, do gênero masculino e feminino, conduziu à expressão da possessividade por outros processos, um dos quais consistia na substituição do pronome possessivo da terceira pessoa pelo pronome pessoal regido de preposição *de*. (*Op. cit.*, p.682)

Sobre esse último aspecto, citemos o seguinte exemplo que a autora nos fornece: “e dem ende em cada hũ anno aa dita capela e ao amini/trador *dela* noue mrs. uehos de portuge/és” (1334 M 159) (*Ibidem*, p. 682), que acreditamos tenha servido de modelo para expressar essas quatro formas de possessividade.

### **Demonstrativos**

“São de procedência latina. Reproduzem mais fielmente o tipo primitivo e conservam os três gêneros de origem. O neutro não admite flexão numérica.” (*F T D*: 1926: 371) São estas as palavras de um grupo de pesquisadores, contidas na Gramática Histórica FTD.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Abaixo apresentamos o quadro sintético desses pronomes:

Masculinos		Femininos		Neutros	
iste	este	ista	esta	istud	isto, esto
ipse	esse	ipsa	essa	ipsum	isso, esso
ile	ele	illa	ela	ilud	elo
*accu+iste	aqueste	*accu+ista	aquesta	*accu+istud	aquesto
*accu+ille	aquele	*accu+illa	aquela	*accu+illum	aquilo, aquilo

Segundo dizem alguns autores, *eccum*, que se usava em latim vulgar para fortalecer os demonstrativos, se tornou \*accu; sob a influência de *atque* ou *ac* (...) \*acco (de *eccum*).

O plural desses pronomes não derivam diretamente do latim. Constituem formas analógicas pelo acréscimo da terminação do plural às formas do nominativo singular.

*Estas*

fol. 77r. 15. “Dizendo elle *estas* co/usas”

Feminino pl. Outras formas existentes: *e.ſiaſ*, *e.ſias*.

*Aquela*

fol. 77v. 20. “Aconteceo per a bõ / dade de Deos que *aquela* molher publica”

Feminino sing. Outra abonação: *aquella*.

*Aquel*

fol. 80r. 34. “Maldito seja *aquel* / dia”

Masculino sing. Outras formas documentadas: *aquale*, *aquelle*, *aquelhe*.

*Este*

fol. 80r. 34. “O amyga / mynha e senhora Pelagia que tam gram mal he *este* / que fizeste?”

Masculino sing. Formas correlatas: *e.ſte*, *e.ſſte*.

## Relativos

Após apresentarmos o quadro das transformações históricas dos pronomes relativos, selecionaremos apenas os que se encontram dentro do texto em estudo, seguindo-se os respectivos comentários morfossintáticos que lhes dizem respeito.

A maior parte dos pronomes relativos perdeu-se em latim vulgar e os poucos que restaram procedem geralmente do acusativo:

latim clássico	português
quid	que
quem	quem
cuium	cujo
qualem	qual
quales	quais
quantum	quanto

### *Que*

fol. 74v. 2. “Muytas e grandes graças devemos dar / ao senhor, *que* nom quer a morte dos pecca / dores”

Trata-se da forma pronominal relativa mais empregada. Tanto pode referir-se a pessoas como a coisas, no masculino e feminino. Quanto à função sintática, pode ser sujeito e complemento verbal.

### *O qual*

fol. 75r. 5. “*O / qual* logo abrio sua boca”

Sofre variação em número e, contrariamente ao sucedido no português e no galego atual, nem sempre aparece precedido de artigo definido. Tanto é usado em função adjetiva como em substantiva.

### *Os quais*

fol. 75r. 4. “*Os quaes* / muito e de toda vōõtade e coração, a ficadamête / o rrogavõ”

Com variação de número.

### *Quantas*

fol. 76r. 9. “*Quantas* horas pensades que esta molher está dentro ã ssua ca/mara,”

Sofre variação de gênero e número e quase sempre aparece com o sentido de *todo quanto*, *todo que*, mas é muito raro o pronome todo vir expresso. Também possui valor substantivo. Existe ainda o

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

emprego de uma forma invariável, sempre com função substantiva e referindo-se a coisas ou objetos.

### *Quanta*

fol. 80r. **33.** “Oo *quanta* violência e enjuria padeço deste velho decrepito.”

Feminino sing.

### *A qual*

fol. 76r. **10.** “(...) avemos de veer e de contenplar su(a) face, / *a qual* cherubym nõ he ousado oolhar,”

Feminino sing.

### *As quais*

fol. 76r. **10.** “(...) *as quaes* olhos / nom virom nõ orelhas ouvyrõ,”

Esta forma também é abonada. Feminino pl.

### *Quanto*

fol. 81r. **39.** “(...) nem gardou pera sy / nenhũa cousa de *quanto* e, peccado ganhara,”

Masculino sing.

## **Indefinidos**

Ao tratarmos dos pronomes indefinidos, adotaremos o mesmo critério metodológico dos pronomes relativos, sempre dando ênfase a selecionar unicamente os que se encontrem dentro do texto examinado. Muitos dos pronomes indefinidos sobreviveram em português vindos do latim clássico; já outros surgiram ora do uso especial de outras partes do discurso, ora de novas combinações.

### **latim**

\*alí qu`ūnum  
\* ne (por nec) unum  
unuus, -a, -um  
tōtum  
alterum  
aliquod  
aliquem  
cata  
nec unum

### **português**

algum  
nẽ hum (arcaico); nenhum  
hũu, hũa(arcaico); um, uma  
todo; tudo  
outro; outrem  
algo  
alguém  
cada  
nengum (arcaico) e ninguém

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

multum	muito
certus	certo
paucus	pouco
quantum	quanto
tantum	tanto
quale + quero	qualquer (composto; o primeiro
elemento é variável)	Nêhũ

fol. 77v. 2. “(...) Deos he muito misericord/ioso e nom quer que *nêhũũ* homẽ em esta vida / mortal pereça.”

Pronome variável, usado tanto em função substantiva como adjetiva. Documentam-se as seguintes variantes: *nêgúú*, *nêgũ*, *nê hũu*, *nehuũ*, *nêgum*, *nenhũu*, *neúún*, *njhũ*, *neúún*, *niuũ*, *neũu*, *nenhũu*, *nêhũu*, *nhũu*, *njgũ*, *nigum*, *njhũ*, *njúún*, *nj úún*, *njhũ*.

### *Nenhũa*

fol. 78v. 26. “Os sanctos canones e decretos dizem que *nenh/ũa* me-  
retriz publica nom deve de seer bap/tizada”

Feminino sing. Outras variantes documentadas: *nêgua*, *nehũa*, *nehua*, *nêhũa*, *nenhũa*, *neũa*, *ningũa*, *niumha*, *niũha*, *njhũa*, *nyhũa*, *ne hũa*, *nê hũa*, *nê una*.

### *Todos*

fol. 75r. 4. “Aconteceo hũũ dia sa/bado, que *todos*, cada hũũ de sua çela descenderem”

Com variação de gênero e número, e sintaticamente desempenhando papel relevante, este indefinido apresenta muitas variantes. As formas *todo(s)*, *toda(s)* empregam-se quase sempre seguidas de artigo: *todos os*, *todas as*, como atestam documentos galego-portugueses citados por Clarinda de Azevedo Maia. Por outras ocasiões, o pronome e o artigo aparecem unidos graficamente: *todóó*, *todáá*. Verifica-se, em alguns casos, a contração do pronome com o artigo, conservando-se deste as antigas formas de *los*, *lãs*: *todollos*, *todallas*, com as seguintes abonações: *todollof*, *todolos*, *todolof*, *todolhos*, *todolhof*, *todalaf*, *todalhaf*, *todelhas*. Em outros exemplos, nota-se que não se deu a contração entre as duas formas, permanecendo o -s da forma pronominal: *todo/llof*, *todos llos*; *todos los*; *to-dof/lof*, *todas las*; *todas laf*, *toda/laf*, *toda/lhaf*, *todas llas*.

Em função adjetiva, essas formas acompanham-se geralmente de artigo definido, mas este é quase sempre suprimido quando o in-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

definido vai seguido de possessivo, como nestes exemplos ilustrativos tirados de Clarinda de Azevedo Maia: “*todos noſſos bês*” (1329 C 9); “e *todas ſſuas* pertençaſ” (1448 DL 147) (*Op. cit.*, p. 711)

### *Muito*

fol. 75r. 4. “Os quaes / *muito* e de toda vôtade e coração, a ficadamête / o rrogavõ,”

Variável em gênero e número, usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo. Também se documenta a forma *moyto*.

### *Toda*

fol. 75r. 4. “Os quaes / muito e de *toda* vôtade e coração, a ficadamête / o rrogavõ,”

Feminino sing. Os comentários foram feitos em *todos*.

### *Qualquer*

fol. 75v. 6. “E por *qualquer* lugar que / ella hya e aynda per o aar, odor, cheiros eram no/bres e muy odoriferos.”

Variável em gênero e número com relação ao substantivo, apresenta as seguintes abonações gráficas: *qual quer*, *quaes quer*, *quaeſ quer*, *calquer*, *qualquer*, *quaesquer*, *quallquer*, *quaeſquer*. La-deando, também existem as locuções pronominais indefinidas: *que quer que*; *quem quer que*; *quen quer que*, *quẽ quer que*.

### *Todo*

fol. 75v. 8. “E de *todo* coração cõ grandes e lõguos sospiros disse aos bispos (...)”

Masculino sing. Os comentários foram feitos em *todos*.

### *Cada*

fol. 81r. 8. “(...) e deu a *cada* hũ deles certos dinheros”

Invariável e sempre empregado em função adjetiva.

## *Numerais*

Os numerais provêm do latim e sofreram alterações maiores ou menores em consonância com as leis da fonética portuguesa ou da

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

analogia. Bipartem-se em cardinais e ordinais: cardinais porque procedem de *cardo*, *-inis* = gonzo, i.e., o que serve de base, de fundamento; ordinais porque procedem de *ordo*, *-inis* = ordem.

São também multiplicativos e fracionários.

A todos daremos as necessárias explicações etimológicas, quando estivermos pesquisando o texto em estudo e de conformidade com o seu respectivo surgimento dentro desse mesmo texto.

### *Hũm*

fol. 74 v. 2. “E por ende ouvide hũ/u millagre que foy fecto em nosos dias.”

Do numeral cardinal latino *unus*, *-a*, *-um*. Variável em gênero e número. Possui as seguintes abonações gráficas: hũu, húú, huu, húúm, úún, vun, uũ, hũ, hũn, un, ãn, ã, vm, vn, vn, húú], vno.

### *Hũa*

fol. 76v. 11. “Ó alto deos, / perdoa a my pecador, que a ponpa e ornamento de hũa molher do mundo de hũũ dia, sobrepoja / e vence todas as obras de minha vyda.”

Com as mesmas características históricas de hũm, possui as seguintes variantes: *vna*, *una*, *ũa*, *hũa*, *hũaa*, *huũa*, *vna*, *hua*, *huas*, *hua*f

### *Dous*

fol. 77v. 20. “A qual mandou a *dous* seos servidores que / soubessem a casa onde o sancto bispo Nono pou/sava.”

Do latim clássico *duos*, através do latim vulgar *\*doos*. Variável em gênero. Variantes documentadas: *dou*f, *dou*ff, *dua*f. Muito raramente, *do*f, *dos*, talvez por influência espanhola. A forma *dois* espalhou-se a partir do século XVI. Ainda sobrevive em algumas regiões a forma *dous*.

### *Trinta mil*

fol. 80r. 33. “Nom te abastava trinta mil mouros”

Este numeral cardinal procede do latim: trinta, de *trīginta*, mil, de *mille*.

### *Terça*

fol. 82r. 44. “E feyta ora de *terça* come/cou muy solenemente cantar.”

Numeral fracionário, do latim *tertium*. De início designou a terça-parte de um todo. Variável em gênero e número. Variantes documentadas: *terça*, *terza*, *tercza*.

### **Verbos**

Quanto às transformações históricas dos verbos do latim ao galego-português, vejamos outra vez as lições de Clarinda de Azevedo Maia:

As quatro conjugações do latim clássico em *-āre*, *-ēre*, *-ere* e *ire* conservaram-se como tipos flexionais distintos nalgumas línguas românicas, entre as quais podem referir-se o catalão, o provençal, o francês, o italiano e romeno; noutras, pelo contrário, as quatro conjugações ficaram reduzidas a três, devido à perda da terceira conjugação latina, tendo a maior parte desses verbos passado à segunda conjugação. Tal é, em traços muito gerais, a situação do galego português, do castelhano, do leonês e do Macedo-romeno (*Ibidem*, p. 723-24)

No entanto, historicamente, merece destacado o verbo *pôr*. Sua evolução pode ser assim demonstrada, em virtude da fusão da segunda e terceira conjugações latinas: *pōnere* > *pōer* > *poer* > *por*. Trará-se, conseqüentemente, de um verbo da segunda conjugação no português e no galego atuais, porém com essa notação diacrônica.

Em nosso trabalho, apresentaremos *unicamente* as formas verbais que se nos configurarem mais relevantes, posto que se fôssemos fazer comentários de todas elas, esta pesquisa tenderia a alargar-se exaustivamente.

Localizadas as formas verbais, faremos os comentários morfológicos e a seguir daremos a regência verbal que for condizente *apenas* com cada exemplo selecionado das três conjugações.

*Affremosentando* (1ª conjugação: AR)

fol. 76r. 9. “Quantas horas / pensades que esta molher está dentro ã ssua ca/mara, ã sse ornamentar e affectar, lavando e / *affremosentando* seu rrostro,”

Ger. do v. *affremosentar*. Formado do adj. lat. *formosus*, ‘cheio de beleza’, deu no port. arcaico *fermoso*, por dissimilação, e mais tarde *fremoso*, com metátese. Ao prefixo verbal, acrescentou-se

o grafema duplo <F F>. Hodiernamente, *aformosentar*, v.t.d., ‘tornar formoso’; ‘embelezar’, ‘alindar’.

*Seer* (2ª conjugação: ER)

fol. 75r. 2. “(...) porque no outro mundo, o juízo ha-de *seer* justo /”

Inf. do v. *ser*. A respeito da etimologia deste verbo, transcrevemos as seguintes palavras de Carolina Michelis de Vasconcellos, inseridas na Gramática Histórica da Língua Portuguesa, elaborada pelos filólogos do grupo FTD:

1º De *sedēre* proveio, segundo as tendências fonéticas do castelhano e do português, *SEER*, e do século XII em diante, *SER*. Não menos naturalmente do que de *esse*, vulgarmente transformado e m e s e r e, proveio o francês *ê t r e*, o italiano *essere*, o provençal-catalão *esser*. — As duas línguas enveredaram diversamente, quanto às conjugações, muito embora os fatos relativos a *sedēre* ainda não fossem reconhecidos.

2º *Sedēre* existia completo em Portugal. Com o paradigma *sedeo*: — *sejo, sees, see; seja; sedia, seia, siia, sia; sei, sê, sede; sendo, sido* — *sedui* (por *sedii*, com *sivi, seveste, seve, sevesse, sever*); *seer* de *sedēre*. *Ser* é forma que surgiu no futuro e condicional perifrático, por nela haver perdido com a independência o acento tônico, tal qual de *pōer, poer*, — saiu pôr nos compostos *porei, poria*.

3º O sentido originário de *sedēre*, *estar sentado*, *sentar-se* (*sedentare* derivado do participio presente de *sedēre*), ainda perdurava no século XIV, em que a par de *sedia* (raríssimo), e do ainda raro *ser*, prevalecia *SEER* (de duas sílabas em centenas de versos (...)) em que *SEER* conta como monossílabo.

4º Já antes da última redução fonética, houve atenuação do sentido. *SEER* ia funcionando como mero auxiliar de verbos ativos em forma gerundiva — ao lado de *esse stare*, (...), *jacere*, e de *habēre, tenēre*; como sinônimo sobretudo de *stare*. Com *jaço cuidando, jacó morrendo*, etc., compare-se *sej’eu morrendo, seja pensando*.

5º O significado duplo de *SEER* originou naturalmente anfibologias. Perto 1350, houve um distinto trovador, D. Afonso Sanches, bastardo de D. Denis, que assim empregou o infinitivo, (...): *Ben se J’acá, non quero seer melhor*.

6º O uso de *SEER, ser*, como auxiliar, e a sua quase completa sinonímia com *estar*, fizeram que algumas formas entrassem supletivas no incompleto e anormal paradigma de *sum, fui, esse*. Delas subsistem: os imperativos *sê* (de *see*), *sede*; os participios *sendo, sido*; o presente do subjuntivo: *seja*; o infinitivo: *ser*, quando pessoal com *seres, sermos, serdes, serem*; o futuro: *serei*, e o condicional: *seria*. — Em (...) ocorrência com *sou, és, é; era; fui, fosse, for, fora; estou, estava, estive*; desapa-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

receram, pelo contrário: o presente do indicativo, *sejo, sees, sê*, etc., o imperfeito, *seia, siia, sia*, etc.

7º A favor desta teoria, deve-se alegar a forma arcaica castelhana, *sey, seya*, substituída pelo moderno *sea*. Também *sey, seyeado, seido*. (*Op. cit.*, p. 422)

No exemplo selecionado, v. de ligação, ou predicativo, na opinião de alguns autores.

*Posu/ira* (3ª conjugação: IR)

fol. 81v. 40. “(...) porque Paia tom/ou e escolheo a mylhor parte a qual avera e *posu/ira* pera senper.”

3ª p. do sing. do m. -q. -per. sind. do v. *possoir*, do lat. *possidēre*, ‘possuir’, ‘estar de posse de’, ‘ter a posse de’. Dos verbos da 2ª conjugação altina, quando da transição para o galego-português, somente dois deles não apareceram fazendo parte do grupo termiando em ER: o primeiro foi *conplir* (e suas variantes *cōplir, comprir, cōprir, conprir*); e o segundo foi *persoyr* (e suas variantes *possoir, posseir, e pessoir*, por metátese. No português atual, *possuir*, v.t.d. no texto, ‘ter a posse de’; ‘ter,ou deter em seu poder’; ‘deter’.

Não fossem as limitações deste trabalho, muito assunto haveria a se comentar ainda a respeito dos verbos em galego-português. De modo específico, citaremos: considerações mais gerais das conjugações; verbos incoativos; apócope de *-e*; o sufixo *-des* da segunda pessoa do plural; as terminações da terceira pessoa do plural; o perfeito e tempos afins; o particípio passado; o infinitivo flexionado. Mas fica o registro.

### *Advérbios*

Passemos a examinar os advérbios mais significativos.

*Aquy*

fol. 74v. 1. “*Aquy* se começa a vida de Sancta Pellagya”

Do lat. *eccu+hic*. Neste lugar. || Neste ponto. || Neste momento. Variantes: *aiquí, aquy; eiquí*. Adv. *Aqui*.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

### *Senpre*

fol. 76r. **10.** “E nos que / avemos nosso padre eternal nos ceos pera / *senpre*”

Do lat. *semper*, ‘de uma vez por todas’, com metátese. Adv. Em todo o tempo.|| Em qualquer ocasião. || Sem cessar; continuamente.

### *Hy*

fol. 77v. **20.** “Aconteceo per a bõ/dade de Deos que aquela molher publica da qual / queremos aquí falar e fazer palavra era *hy* êtam”

De *a* e do arc, *hi* < *hic*, lat. Aglutinou-se o *a* por causa da existência do vocábulo. Variantes documentadas: *ahí; ehí; ay; y; hi; hj; hij; hy*. Adv. *Aí*.

### *Nom*

fol. 77r. **15.** “(...) vy hũu sonho do qual som muy turbado porque *nom* vejo nem sey,”

Do lat. *non*. Exprime negação. Sua colocação na frase é geralmente antes do verbo. Variantes: *nam, non*. Adv. *Não*.

### *Onde*

fol. 77v. **20.** “A qual mandou a dous seos servidores que / soubesse a casa *onde* o sancto bispo Nono pou/sava.”

Do lat. *unde*, ‘donde’. No lat. vulg., em algumas regiões românicas, tomou o lugar semântico de *ubi*. Adv. *Onde*.

### *Asaz*

fol. 81r. **37.** “A my *asaz* abastam as riquezas de m/eu senhor e sposo Jhesu Cristo.”

Do lat. *ad satie*. Bastante, suficiente. || Em alto grau; muito Adv. *Assaz*.

### *Nũca*

fol. 78v. **26.** “(...) nenh/ũa meretriz e molher publica nom deve de seer bap/tizada se nom der fiadores que *nũca* mais use de ma/os pecados”

Do lat. *numquam* (ou *nunquam*). Em nenhum tempo; jamais. Variantes: *nõca; nonca; nũqua; nuca*. Adv. *Nunca*.

*Como*

fol. 76v. 11. “(...) tomou a my per a maa *como* avia de custume”

Do lat. *quomo*, forma apocopada de *quomodo*. De que maneira; como. || De maneira que. Variantes: *commo*; *coma*. Adv. *Como*.

***Preposições***

Quanto às preposições, vejamos:

*De*

fol. 75v. 7. “(...) nom quis desçender *de* seu asno”

Do lat. *de*. Regia ablativo, com variadíssimos empregos. Variantes: *des*; *de/*. Prep. *De*.

*Pera*

fol. 75r. 4. “(...) orrogavõ, *pera* ouvir delle pallavras de hedifficaçõ”

Do lat. *per+ad*. O <e> átono diante de <r> transformou-se em <a>. Prep. *Para*.

*Per*

fol. 75r. 5. “O / qual logo abrio sua boca e *per* spiritu sancto come/çou ffallar pallavras consollatorias”

Forma analógica de *por*, do alt. vulg. *por*, alteração da forma clássica *pro*. Prep. *Por*.

*Por*

fol. 75v. 7. “(...) e *por* honra de Deos e rrever/ença dos bispos, nom quis desçender de seu asno,”

Do lat. vulg. *por*, alteração da forma clássica *pro*. Prep. *Por*.

*Sobre*

fol. 75v. 7. “(...) e pôs / sua face *sobre* seus gíolhos”

Do lat. *super*, ‘por cima de’; ‘em cima de’. Prep. *Sobre*.

*Cõ*

fol. 75v. 8. “E o bispo Nono outra vez tornou sua / face sobre seus gíolhos. *cõ* grande desejo sos/pirando e chorando”

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Do lat. *cum*, ‘com’, ‘em companhia de’. Juntamente com (idéia de companhia). || Com, logo que (indicando simultaneidade no tempo). Pre. *Com*.

### *Em*

fol. 81r. **39**. “(...) nem gardou pera sy / nenhuma cousa de quando *em* pecado ganhara”

Do lat. *in*. Prep. *Em*.

### *Antre*

fol. 81r. **38**. “(...) e disse que *antre* as cosas se/u cuidado e pensamento fosse quitar-sse dos pe/cados”

Do lat. *inter*. Variantes documentadas: *entre* (com metátese); *ître*; *intre*; *ontre*. Prep. *Entre*.

### *Ante*

fol. 76v. **12**. “(...) *ante* a tua presença me excusarey”

Do lat. *ante*. Prep. *Ante*

### *Ataa*

fol. 77r. **4**. “(...) per toda a nocte *ataa* que foy dia.”

Do lat. *ad tenus*, ‘até’, ‘até a’. Outras variantes: *ata*; *atá*; *atra*; *tro*; *trões*; *atee*; *atéém*. Prep. *Até*.

### *Perdante*

fol. 75r. **5**. “(...) vinha e passou *perdante* elles hũa jogressa”

Do lat.: *per+de+ante*, por contração. Prep. O mesmo que *perante*; *diante de*.

## **Conjunções**

As conjunções apresentam o seguinte quadro:

fol. 74v. **2**. “Muytas *e* grandes graças devemos dar / ao senhor,”

Do lat. *et*. Conj. *E*, aditiva.

### *Segundo*

fol. 75r. **2**. “(...) e cada hũ há-de receber e aver gallardom, *segundo* suas obras”

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Do lat. *secundu*, ‘que segue’, ‘seguinte’, ‘que vem a seguir’.  
Variantes: [segundo; *legũdo*. Conj. *Segundo*, conformativa.

### *Mais*

fol. 81r. **38.** “(...) que de todas estas riquezas nã / tomasse nenhũa  
cousa nẽ despen(de)sse em obras / da igreja nem do bispado *mais* desse  
e gastasse ã / pobres e em viuvras e em orphãos.”

Do lat. *magis*. Trata-se de uma conjunção adversativa sinônima do atual *mas*, o qual representa, por sua vez, a evolução do mesmo *mais* em próclise, mantendo-se o <s>, a despeito dessa evolução. Variantes: *maif*; *mas*. De igual valor semântico é a forma *pero*. Conj. *Mas*, adversativa, já definida acima.

### *Nẽ*

fol. 81r. **38.** “(...) que de todas estas riquezas nã tomasse nenhũa  
cousa *nẽ* despen(de)sse em obras/”

Do lat. *nec*, ‘e não’. É a forma nasalada de *ne*, antiga conjunção. Cariantes: *nj*; *nyn*; *nem*; *nín*. Conj. *Nem*, com o sentido alternativo.

## CONCLUSÃO

Como se depreende da exposição acima, o galego-português representou importantíssimo complexo lingüístico formado pela antiga fala portuguesa do Norte e pelo galego, língua da Galiza.

Em decorrência de sua diacronia ou evolução histórica, tivemos o português moderno.

O texto estudado, a despeito de suas discrepâncias de ordem grafemática, apresenta rico depositório de fatos gramaticais, lingüísticos e filológicos, em razão dos quais mostramos os mais relevantes aspectos de morfologia (incluindo-se comentários etimológicos), e de sintaxe, e que assim constituíram expressivo material de nossas pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- ALVAR, M. *Variiedad y unidad del español. Estudios lingüísticos desde la historia*. Madrid: Prensa Española, 1969.
- APONTAMENTOS de aula do Professor Doutor Celso Cunha. Curso: Diacronia do Português II. Rio de Janeiro, UFRJ. Doutorado, 2º semestre de 1988.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos Estudos Literários*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos, 1962.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*, Lisboa: Revista de Portugal, 1946.
- BOURCIEZ, E. *Éléments de Linguistique Romane*. 4ª ed. revista pelo autor. Paris: Hlinckdieck, 1956.
- BUENO, Fr. da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.
- . *Estudos da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CALDAS AULETE, F.J. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5 volumes.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.
- . *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- . *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico-etimológico de la lengua castellana*. Berna: Francke, 1954-57.
- . *Estudios de Lingüística Románica*. Madrid: Gredos, 1977.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Acadêmica, 1968.

CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira S/A., 1982.

CUNHA, Celso Ferreira da. *À margem da poética trovadoresca. O regime dos encontros vocálicos interverbais*. Rio de Janeiro, 1950.

———. *Estudos de versificação portuguesa. (Séculos XII a XVI)*. Paris: Centro Cultural Português, 1982.

———. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME / HEC, 1982.

———. Novas observações sobre p hiato na antiga versificação galego-portuguesa. *Ibérida*. Revista de Filologia, nº 4, Dezembro de 1960, p. 23-100.

———. *O Cancioneiro de João Zorro*. Aspectos lingüísticos. Texto crítico. Glossário. Rio de Janeiro, 1949.

———. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Questões de Crítica Textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

———. & LINDLEY CINTRA, L.F. *Nova Gramática do português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

DIAZ & DIAZ, Manuel. C. *Antologia del latin vulgar*. Madrid: Gredos, 1950.

ENCYCLOPAEDIA Mirador Internacional. São Paulo, 1975.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

———. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1982.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Verbos e Regimes*. Porto Alegre: Globo, 1940.

———. *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1944.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 14ª edição, 2 volumes, 1949.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A NOITE, 1944.

F T D. *Novo Manual dji Língua Portuguesa. Curso Complementar - Gramática Histórica*. São Paulo: Alves, 1926.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa: A.M. Teixeira, 1906.

GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta-Larousse. Rio de Janeiro, 12 volumes, 1970.

HERMAN, J. *Le latin vulgaire*. Paris: PUF (Que Sais-je?), 1967.

HORTA, Guida N. B. Parreiras. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, 2 volumes, 1979.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*, 2ª edição corrigida e aumentada. Madrid-Buenos Aires: Escelicer S.L., 1950.

MACHADO, José Pedro. *Origens do Português*. 2ª edição revista e aumentada. Lisboa, 1967.

———. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 2 volumes, 1953-59

———. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 3 volumes, [s/d.].

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 3 volumes, 1944.

———. *Dicionário da língua portuguesa especialmente dos períodos medieval e clássico*. Rio de Janeiro, vol I, 1950 (A-AF); vol II-1, 1954 (AG-AL).

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986)

MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1976

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MEIER, Harri. *Ensaio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MEDÉDEZ PIDAL, D. Ramón. *Crestomatia del español medieval*. Acabada e revisada por Rafael Lapesa y maria Soledad de Andrés. Madrid: Facultad de Filosofía y Letras. Seminario Menéndez Pidal, 2 vols. 1965-1966.

———. *El idioma español en sus primeiros tiempos*. Sexta edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1964.

———. *Manual de gramática histórica española*. Décimotercera edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1968.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2 volumes, 1952-55.

———. *Elementos de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.

———. NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Clássica, 1945.

———. PALHANO, Herbert. *A Expressão Léxico-Gramatical do 'Leal Conselheiro'*. Lisboa: Revista de Portugal, 1949.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica*. 7ª edição. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

SILVA NETO, Serafim da. *A constituição do português como língua nacional*. Lisboa, 1961.

———. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952-57.

———. *Fontes do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

———. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

———. *Manual de Filologia Portuguesa*. 2ª ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

TAGLIAVINI, Cario. *Le origini delle lingue neolatine*. 4ª ed. Bolo-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

nha: R. Pàtron, 1964.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*, segundo as preleções feitas nos cursos de 1911/12 e de 1912/13. Lisboa: Revista de Portugal, 1956.

VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Chardron e B.H. Morais, 5 volumes, 1871-74.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica baseada nos manuscritos originais de Viterbo, por Mário Fiúza. Porto e Lisboa: Civilização, 1962 e 1966.

WILLIAMS, Edwin B. *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. 2a ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1968. Existe a trad. portuguesa de Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / MEC / INL, 1973, que consultamos.